

## **PETER BERGER E O CONCEITO DE CARISMA: O CASO DA VIDENTE**

**LEVINA**

*Maria Goretti Lanna<sup>1</sup>*

**Resumo:** Nos anos 1960, na zona rural do município de Guiricema, no interior de Minas Gerais, um movimento de devoção a Nossa Senhora, que surgiu a partir dos relatos de suas aparições em uma fazenda na Serra da Mutuca, inicialmente a três crianças, revelou uma liderança carismática de grande influência na região, representada pela vidente Levina. Ao longo de quase vinte anos, vários religiosos de diversas Ordens e Congregações da Igreja Católica (ICAR), inconformados com as reformas resultantes do Concílio Vaticano II, se uniram em torno da vidente, realizando um trabalho conjunto com a Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB) e com a recém-criada Igreja Católica de Palmar de Troya, na Espanha, exercitando o catolicismo de forma autônoma, desvinculados de Roma. Os conflitos com a Diocese de Leopoldina, que negava as aparições da santa e necessitava instaurar as alterações advindas do Concílio Vaticano II, para isto resistindo ao movimento popular de devoção a Nossa Senhora através de vários meios de coerção, levou parte da comunidade em torno da montanha, sob a liderança de Levina, a romper com a Igreja Católica, passando a contar com a colaboração dos religiosos que passaram a residir no local, dando origem ao povoado denominado Santa Montanha.

Palavras-chave: Igreja Católica, vidente, carisma, aparições marianas, Santa Montanha.

1177

Conta a história, relatada por vários entrevistados e moradores do povoado Santa Montanha, que Levina, desde sua primeira gravidez, sofria de uma enfermidade crônica adquirida em decorrência do parto, doença que foi curada por Nossa Senhora alguns dias depois que se manifestou a ela. A notícia das aparições da santa, inicialmente a três crianças, duas filhas de Levina, Maria, de nove anos e Geralda, de sete anos e a uma prima chamada Geralda Clementina, de 12 anos de idade, começou a se espalhar, extrapolando os limites de Guiricema e centenas de pessoas passaram a ir à serra em romarias. Vários milagres foram relatados a partir de então, como também as visões da santa se multiplicavam entre as pessoas que residiam ou frequentavam o lugar. Pouco tempo depois das primeiras aparições, quando ainda as atenções se concentravam nas meninas, um dia, durante orações, Levina estava sentada com suas filhas e na companhia de diversas outras pessoas, quando viu que Nossa Senhora acenava para ela, chamando. Rapidamente correu a atendê-la. Maria relata que foi neste momento que a santa deu a Levina a missão que a partir de então a tornaria sua mensageira.

---

<sup>1</sup> Mestra e Doutoranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Eu achei que ela estava passando mal, mas não era não, a Nossa Senhora é que tinha chamado ela. Então Nossa Senhora entregou o encargo todinho pra ela. Ela falou assim: - “De hoje em diante, minha filha, você está curada, mas você vai trabalhar pra mim. Você vai, durante a sua vida agora, você vai trabalhar pra mim. Você não vai trabalhar pra mais nada. Você vai trabalhar pra mim.” Aí ficou pra ela, Nossa Senhora falou que era pra ela trabalhar o resto da vida dela pra ela, pra ela. Porque ela tinha dado a cura pra ela, mas ela ia ser curada pra ela, pra trabalhar pra Nossa Senhora.

De 1966 até o ano de 1969, o intenso movimento de romeiros que se formou em torno de Levina contou com a participação dos padres Paulo Fada e Galdino da Rocha Passos, párocos de Guiricema, que aderiram ao movimento dos romeiros e celebravam missas regularmente no local da primeira aparição em uma ermida que foi construída pelos moradores, contando com seus próprios recursos e esmolas que recebiam dos visitantes. Mas, a partir de 1969, em decorrência das reformas implantadas pelo Concílio Vaticano II, a Igreja Romana, conforme já relatado por diversos autores, de maneira generalizada, passou a proibir várias formas de manifestações populares religiosas, inclusive em locais onde se dizia ocorrer aparições marianas. E foi o que também aconteceu na Diocese de Leopoldina e em março de 1969, Dom Gerardo Reis, que era o bispo da diocese nesta época, transferiu para a paróquia de Guiricema o padre João Bentijes. Segundo os relatos, este padre chegou dizendo que sua finalidade na paróquia era colocar um fim ao que chamava de *macumba branca lá da serra*. E uma de suas primeiras providências foi expulsar da igreja, durante a missa de domingo, a família de Levina. Isso não impediu o intenso movimento de devotos que subiam regularmente à montanha para assistir aos momentos em que Levina dizia receber as mensagens de Nossa Senhora, mas fez com que sua família, devido a pressões da Diocese de Leopoldina, se mudasse para a zona rural do município de Ervália, vinculado à diocese de Mariana, que assumiu a posição de não interferir nos acontecimentos. Somente a cada 15 dias, Levina se dirigia à Santa Montanha, sempre acompanhada dos inúmeros fiéis, que demoravam aproximadamente 6 horas para atravessar a montanha, fazendo o percurso a pé.

Controle social, para Berger (BERGER, 2010), é o meio usado pela sociedade para manter seus membros enquadrados dentro dela. Ele diz que a forma de controle mais usada em todas as culturas é a violência, não só nas culturas arcaicas, mas também no mundo moderno que habitamos.

Não podemos realmente censurar estes teóricos se recorrem a vários resistentes suportes para o frágil poder do simples argumento contra seus competidores. Em outras palavras, as definições da realidade podem ser reforçadas pela polícia. (BERGER & LUCKMANN, 2009, p. 155)

Normalmente, a mera ameaça da violência já é estímulo suficiente para manter a ordem social. Há também mecanismos de controle subsocial mais sutis e muito potentes que são usualmente utilizados, como a persuasão, o ridículo, a difamação e o opróbrio. O que faz com que o ser humano aceite ser manipulado com eficiência é “um desejo humano de ser aceito, talvez por qualquer grupo que estiver à mão.” (BERGER, 2010, p. 85) A moralidade, os costumes e as convenções, entre outros, também são instrumentos eficientes, embora não venham a acarretar sanções legais. Berger diz que um instrumental de controle bastante desenvolvido para deter os desafios aos costumes de nossa sociedade consiste em rotular uma pessoa como *adoidada*.

Desta forma, o indivíduo que não satisfaz os critérios de normalidade estabelecidos pela administração ou por seu bispo, é ameaçado com o desemprego e com a perda de ligações sociais, mas além disso também é estigmatizado como uma pessoa que com toda justiça poderá ser afastada da categoria dos homens responsáveis... (BERGER, 2010, p. 87)

Os relatos dos entrevistados contam como a vidente enfrentou a resistência da Diocese de Leopoldina e os problemas resultantes de sua persistência em manter perante a população a experiência religiosa que há anos a levava a divulgar as mensagens que compreendia receber de Nossa Senhora.

1179

Teresa Rosa: A coitadinha da Dona Nelvina foi tão maltratada, mas tão maltratada, ela recebia cada uma carta de fazer medo. Não sei, atacando ela. Só não chamava ela de santa porque ela não merecia. Achava que ela não merecia nome de santa. E não tinha nome de ninguém, não sei como essas cartas chegavam aqui. Não sabia quem escreveu, não. É do, mesmo, do Encardido. Do Inimigo, porque só ele que podia fazer uma coisa desta.

Orlandina: Ela foi presa, elas não contou pra você, não? [Foi fazer] Exame psicológico, de doutor. Ela que me contou. Sabe porque ela foi lá fazer? Porque Dom Gerardo falava que ela era louca e estava enlouquecendo o povo tudo aqui. Aí levaram ela, não sei quem chamou, levou ela e lá ela... Deve ser os padres que estavam vindo aqui. A favor dela. O padre falou que ela era louca. O Dom Gerardo falava que ela era louca. Aí ela foi. Lá ela passou por um médico japonês, primeiro andar. Um médico japonês no primeiro andar. Investigou ela de toda maneira, de religião, de tudo. Diz ela que só falava: - “Estou fazendo aquilo que Nossa Senhora está mandando.” E foi andando. Diz ela que foi em 12 andares. Só subindo os apartamentos. Teve um andar que tinha 100 polícias lá num lugar escuro. E levavam a mão nela, falavam que ela devia lavar roupa, ir trabalhar para os outros. Que ela estava falando mentira, falando mentira. Chegou no doze andar, era o mesmo que estava cá embaixo. Ele mudou todo o jeito. Mudou a roupa, mudou toda a roupa. Botou até uma máscara. Mudou toda a feição. E chegou lá, ele falou com ela assim: - “A senhora está com uma aparição de santa lá, a senhora é mentirosa.” Ela falou assim: - “Estou fazendo aquilo que Nossa Senhora manda eu fazer.” Aí ele apertou ela muito, falou muito com ela, ela virou pra ele e falou assim: - “O senhor já me perguntou isso lá no primeiro andar. O senhor me perguntou isso no primeiro andar.” Ele apertou, apertou ela. Tudo que apertou ela,

ela falou que respondeu. – “Vocês podem fazer o que quiserem, que eu vou trabalhar pra Nossa Senhora, com o terço na mão, minha ordem é essa aqui. Rezar o terço e pedir pra rezar o terço.”

Pode ocorrer em uma sociedade o monopólio de uma única tradição simbólica, mantida por seus especialistas. Os indivíduos em posição decisiva de poder impõem suas definições da realidade liquidando os competidores com os meios de que dispõem, quer fisicamente ou através de mecanismos como incorporação, integração, segregação, etc. (BERGER & LUCKMANN) Os indivíduos se encontram localizados no centro da sociedade em níveis inter-relacionados que determinam uma hierarquia, de forma que, como membro da sociedade, está inserido dentro de um sistema de estratos, ou camadas sociais. “A soma desses estratos constitui o sistema de estratificação de uma determinada sociedade.” (BERGER, 2010, p. 151) As instituições, que se inserem nos estratos sociais, obrigam o ser humano a seguir por caminhos que a sociedade considera desejável. “E o truque é executado ao se fazer com que esses caminhos pareçam aos indivíduos como os únicos possíveis.” (BERGER, 2010, p. 101) Assim, a sociedade aprisiona o indivíduo, fazendo com que ele acredite que o papel institucional predefinido socialmente é o único que poderia tomar. Berger diz que, na concepção durkheimiana, a sociedade é um fato objetivo, externa a nós, e que predefine todos os nossos atos, manifestando-se sobretudo na forma de coerção. Mas para ele, a sociedade não é somente algo que existe *lá fora*, mas também existe no *aqui* do nosso ser mais íntimo.

1180

A sociedade não só controla nossos movimentos, como ainda dá forma à nossa identidade, nossos pensamentos e nossas emoções. As estruturas da sociedade tornam-se as estruturas da nossa própria consciência. A sociedade não se detém à superfície de nossa pele. Ela nos penetra, tanto quanto nos envolve. Nossa servidão para com a sociedade é estabelecida menos por conquista que por conluio. [...] Somos aprisionados com nossa própria cooperação. (BERGER, 2010, p. 136)

Segundo Berger, a liberdade não pode ser demonstrada empiricamente ou por qualquer outro método científico. A premissa da causalidade universal pressupõe que todo objeto científico possui uma causa anterior. A liberdade, por possuir sua própria causa, situa-se fora do universo científico do discurso. (BERGER, 2010, p. 137) Para responder à questão da realidade da liberdade, o autor utiliza-se de Weber, que enfatiza os significados, as intenções e interpretações subjetivas que estão presentes na sociedade e das quais o indivíduo se utiliza em uma situação social.

Ao falar sobre a teoria do carisma desenvolvida por Weber, o autor diz que ela demonstra que existe a possibilidade de definições discordantes em uma sociedade, rompendo

o seu consenso. “É possível desafiar efetivamente o Leviatã da predefinição.” (BERGER, 2010, p. 143) Quando alguém age de maneira contrária ao que é esperado socialmente, produz uma modificação na sociedade. A introdução de um elemento com grande conteúdo carismático que não se ajusta à estrutura social abala a instituição onde ele se inseria e pode vir a criar contras-sociedades de significados discordantes em torno dele, protegidas do controle social em seus aspectos físico e ideológico. O distanciamento provocado pela discordância pode vir a libertar o indivíduo do papel que o definia na sociedade, estabelecendo “uma distância interior entre sua consciência e sua representação”. (BERGER, 2010, p. 151)

Ao estabelecer uma diferença entre o animal e o ser humano, Berger diz que a natureza do primeiro não permite escolher um caminho que não esteja dentro de seu aparato biológico, de seus instintos especializados. Ao homem, cabe o direito de escolha. O ser humano opta por agir de acordo com o papel que exercita socialmente sob o que o autor denomina *má-fé* (*mauvaise foi*), conceito que adota de Sartre. Para Berger, a má-fé ocorre quando o indivíduo nega “a duplicação da consciência desenvolvida pela socialização e a concomitante interiorização da dialética sociocultural.” (BERGER, 2004, p. 106) Quando age de má-fé, o ser humano troca as decisões que pode tomar por escolha por uma necessidade que é fictícia, agindo de acordo com o papel que é escolhido socialmente para ele e que foi interiorizado, em uma identificação do eu social com o eu total, quando a identidade subjetiva se funde com o tipo social. Para Berger, a simetria entre a realidade objetiva e subjetiva não pode ser completa, pois há mais realidade objetiva disponível do que a que foi interiorizada pela socialização primária, portanto esta fusão “trata-se de uma mentira da falsa consciência. O indivíduo que age a partir deste pressuposto está agindo de má-fé.” (BERGER, 2004, p. 173)

O indivíduo, ao optar por agir de acordo com os papéis que a sociedade impõe a ele, exercita a liberdade para agir de má-fé, mas, ao mesmo tempo, renuncia à própria liberdade. Mas é somente em sociedade que o ser humano pode viver de maneira autêntica, pois é através dos processos sociais que ocorre a transmissão de significados. A sociedade pode representar a fuga da liberdade ou a opção de autenticidade que indica o caminho para a libertação. As instituições são álibis usados como instrumento de alienação. “Pelo menos, algumas instituições, porém, podem tornar-se escudos protetores para as ações de homens livres.” (BERGER, 2010)

Max Weber, referindo-se à profecia, refere-se à estrutura do *sentido*, dizendo que o sentido coordena a vida ao relacionar o mundo cotidiano com a realidade empírica:

Mas, tenha a profecia um caráter mais ético ou mais exemplar, a revelação profética significa sempre – e isto é o que todas têm em comum –, primeiro para o próprio profeta e, em seguida, para os seus acólitos: uma visão homogênea da vida, considerando-se esta conscientemente de um ponto de vista que lhe atribui um sentido *homogêneo*. A vida e o mundo, os acontecimentos sociais e os cósmicos, têm para o profeta determinado “sentido”, sistematicamente homogêneo, e o comportamento dos homens, para lhes trazer salvação, tem de se orientar por ele e, sobre esta base, assumir uma forma coerente e plena de significado. A estrutura desse “sentido” pode ser muito diversa e agregar numa unidade motivos que parecem logicamente heterogêneos, pois o que domina toda a concepção não é, em primeiro lugar, a consequência lógica mas as valorações práticas. Significa sempre, só que em graus diversos e com êxito diferente, uma tentativa de sistematização de todas as manifestações da vida, portanto, de coordenação do comportamento prático num *modo de viver*, qualquer que seja a forma que este adote em cada caso concreto. Além disso, traz consigo a importante concepção religiosa do “mundo” como um “cosmos” do qual se exige que constitua um “todo”, de algum modo ordenado segundo um “sentido”, e cujos fenômenos, cada um por si, são medidos e valorados por esse postulado. Todas as tensões mais fortes, tanto no modo de viver intrínseco quanto na relação externa para com o mundo, provêm então da colisão deste mundo, como – segundo este postulado – um todo pleno de sentido, com as realidades empíricas. (WEBER, 2004, p. 310)

No ano de 1975, Padre João já havia sido substituído por Padre Venício dos Santos Silva, que manteve a mesma posição em relação a Levina. Foi neste ano que esta fica conhecendo alguns padres oriundos da diocese de Campos, no estado do Rio de Janeiro que haviam rompido com Roma por não se conformarem com as reformas do Concílio Vaticano II, conhecidos como Padre Emílio Soares da Silva, Padre José Guerra, Frei Benigno Dissel, Padre Ademar Ferreira e uma religiosa chamada Irmã Ana, que criou um convento de freiras carmelitas na montanha. Esses religiosos fixaram residência no povoado que foi surgindo, sendo construído aos poucos, e prestavam serviços religiosos à população e aos romeiros que chegavam de várias partes do país.

Alguns destes religiosos, durante os anos que se seguiram, se aliaram à Igreja Católica de Palmar de Troya, criada na Espanha em meados da década de 1970 e chefiada por Clemente Domínguez y Gomes que, após a morte de Paulo VI disse assumir a cadeira vaga de Pedro, se automeando Papa Gregório XVII. Através destes religiosos, a Igreja Palmariana atuou durante mais de 10 anos na Santa Montanha.

Não há como afirmar que, além dos primeiros religiosos que Levina conheceu, todos os padres que passaram a frequentar a Santa Montanha a partir de 1975 eram vinculados à Diocese de Campos ou que todos eles se aliaram a Gregório XVII. O que se pode dizer com certeza, pois relatado por diversos dos entrevistados, é que estes religiosos celebravam missas pelo rito tridentino e que também insistiam em manter os preceitos católicos que foram

flexibilizados pelo Concílio Vaticano II, como o uso do véu pelas mulheres durante as celebrações, a permanência do uso de vestidos com mangas e abaixo dos joelhos e a proibição pelos homens do uso de bermudas e camisetas na propriedade onde se localiza a Santa Montanha. Também continuavam a usar os hábitos e batinas em tempo integral.

No final do ano de 1979, uma religiosa vinda de São Paulo, Irmã Leonor, passou a morar na Santa Montanha, vindo a criar um outro convento de Irmãs Carmelitas, que reconhecia a autoridade do Papa João Paulo II. Mesmo exercendo o catolicismo sem qualquer vínculo com a Igreja Romana, estas religiosas carmelitas possuíam um sentimento de pertencimento em relação a Roma.

E no início dos anos de 1980, vem a residir na montanha um bispo da Igreja Católica Apostólica Brasileira, conhecido por Dom Mauro. Aliando-se à Irmã Leonor e suas noviças, como também a todos os outros religiosos que já residiam no povoado, e também àqueles que fora chegando aos poucos, criou um seminário que chegou a formar vários padres, todos desvinculados da Igreja Romana.

A convivência com os todos estes religiosos era aceita e tolerada sem que isso significasse qualquer sentimento de pertença da população a qualquer vertente do catolicismo que estes pregavam, que obedecia somente às ordens de Nossa Senhora, transmitidas por Levina. O que se compreende pelos relatos é que a presença de todas estas pessoas, com seus hábitos e batinas, que insistiam em usar durante todo o tempo, era aceita pela vidente e pelos moradores, que os recebiam de bom grado por contribuírem para a legitimação da comunidade religiosa que haviam formado após sua separação da Igreja Romana. Ao receber todos esses religiosos, esta comunidade primeira conseguia manter, sob a liderança de Levina, suas características iniciais e ao mesmo tempo conviver com as diversas concepções do catolicismo que ocupavam o mesmo espaço físico. É também através do que disse José Lopes que se compreende a existência dos diversos subuniversos de significação reunidos na montanha com o mesmo propósito da prática da atividade religiosa e de como os moradores incorporavam a existência dos vários tipos de atores em um mesmo universo maior que englobava todos os outros.

A reforma do Concílio, ela começou antes, antes do Concílio. Foi em 62, Nossa Senhora apareceu em 66, né? E com a reforma do Concílio, o Bispo de Campos, com 20 padres, não aceitaram a reforma do Concílio. Mas eram santos, pessoas boas, pessoas santas. Aí o Concílio não deu abertura pra nenhum desses casos. Então eles ficaram abandonados. O Bispo depois acabou morrendo, e os padres

ficaram a mercê, não tinham nem uma capela onde podia celebrar a missa. Quem quisesse celebrar era assim, se algum falasse que podia celebrar aqui na minha casa, eles vinham pra cá e celebravam. Mas não tinha paróquia, não tinha nada. Então eu creio que Nossa Senhora apareceu aí, foi justamente pra dar essa abertura pra eles. Então, Nossa Senhora, que é mãe, como mãe, a mãe sempre dá um jeitinho para os filhos. Ela falou: - “Eu vou dar um jeitinho pra vocês.” Então daí é que ela pediu, né? Os padres celebram a missa em latim, de costas para o público, eles próprios que dá comunhão, ninguém dá. Então é assim. Nossa Senhora veio facilitar pra eles, abrir o caminho pra eles.

Berger e Luckmann não excluem a possibilidade de conflitos entre os diversos subuniversos de significação em decorrência da multiplicidade de perspectivas sobre a sociedade total. (BERGER E LUCMANN, 2009, P. 114) Em um relato de Irmã Leonor constata-se a existência de divergências decorrentes da competição entre os grupos que eram formados pelos religiosos:

O Frei Benigno saiu daqui porque Nossa Senhora afirmou que o Papa verdadeiro era João Paulo II. Não era da congregação dela [Irmã Ana] não, mas ele era de uma congregação de Belo Horizonte. De Carmelitas Calçados. Mas ele veio pra morar aqui. Porque tinha missa tradicional e tudo. Mas então... E daí a Irmã Ana começou a ficar muito enciumada, muito tudo e eu sei que houve uma época então que ela resolveu ir embora, foi lá pro Rio de Janeiro.

As alterações promovidas pelo Concílio Vaticano II, que começaram a se manifestar no início do ano de 1969, poderiam ter sido assimiladas da maneira como ocorreu nas cidades vizinhas: com alguma estranheza a princípio, desagrado de uns e aclamação de outros, mas em um processo constante que se firmava a cada dia e acomodava as mudanças produzidas no imaginário religioso e, por consequência, no mundo social. No alto da Serra da Mutuca, a reforma da Igreja Católica, em seu processo de racionalização, bateu de encontro ao fenômeno das aparições de Nossa Senhora, que há alguns anos já reunia em torno da vidente Levina centenas de pessoas. O impacto da presença da santa na vida de Levina e dos inúmeros fenômenos relatados e a constante oposição por parte da Diocese de Leopoldina que insistia em conter o movimento de devoção a Nossa Senhora, utilizando-se, inclusive, da colaboração da polícia local, da polícia federal e do DOPS – Departamento de Ordem Pública e Social, órgão criado pela ditadura militar que também tinha a função de reprimir movimentos populares, mostram o que Berger descreve como a consciência de que não se é obrigado a assumir o papel social exigido pelo consenso geral, mas que há outro caminho que se pode seguir. E este caminho, conforme ele diz, consiste em se libertar da ordem institucional vigente.

Aos poucos, à medida em que as aparições se sucediam e que o discurso de Nossa Senhora se delineava, Levina vai assumindo a posição de sua mensageira, redefinindo a

realidade ao rejeitar os mecanismos institucionais e libertando-se do jugo monopolista representado pela Igreja Católica. Levina nunca aprendeu a ler e pensava que seu nome era Nelvina. Também não sabia ao certo a sua data de nascimento. Toda sua vida foi passada na zona rural, vivendo com grandes sacrifícios após o seu casamento e acometida de uma doença crônica que a debilitava. Dentro do conceito de carisma de Berger, o que foi dito pelos entrevistados sobre a vidente demonstra que ela conseguiu escolher, apesar de todas as suas limitações, o caminho da liberdade. Como líder carismática da comunidade dissidente, Levina desafiou a ordem estabelecida das coisas em nome de uma autoridade absoluta que compreendia que lhe foi dada por Deus, escolhendo de maneira consciente o papel de mensageira de Nossa Senhora.

As ideias consideradas liberais em que se baseia a ICAB, incluindo o casamento de religiosos e a teologia criada pela Igreja de Palmar de Troya, que inclui gigantes e seres extraterrestres na história da Criação, não conseguiram modificar a concepção católica de mundo transmitida pela Igreja Romana na população da Santa Montanha. O que se pode concluir é que a vidente Levina, com a força de seu carisma, mesmo rodeada de concepções de catolicismo diversas e fora do controle institucional, conseguiu manter e transmitir sua visão de mundo sem permitir que nela fossem incluídas grandes modificações.

Conforme dizem os relatos, as mensagens de Nossa Senhora eram transmitidas por Levina às pessoas no momento das aparições que, à medida em que eram recebidas, iam sendo repetidas pausadamente por ela em sua linguagem simples e com regionalismos. Algumas vezes a vidente *entrava em êxtase*. Nestas horas, ela não mantinha a consciência do que ocorria à sua volta, mas continuava transmitindo as palavras de Nossa Senhora, somente tomando ciência do que aconteceu através de outras pessoas.

O significado que Berger atribui à palavra *êxtase* difere daquele que é usado no sentido místico. *Êxtase* (*ekstasis*), para ele, significa o ato de saltar de um mundo para outro, um mudança de universos, que modifica a maneira com que se percebe a sociedade, “fazendo com que a *determinação* se converta em *possibilidade*.” (BERGER, 2010, p. 152) Deste modo, *êxtase* tem relevância não só metafísica mas também sociológica.

Berger diz que Weber considerava o fenômeno do carisma como um movimento de curta duração e que a *rotinização* o integra novamente nas estruturas sociais. Mas apesar do retorno dos velhos padrões no curso da *rotinização*,

o mundo nunca mais é o mesmo. Muito embora a mudança não tenha sido maior do que os revolucionários esperavam, houve, não obstante, uma mudança. Às vezes, só com muito tempo se pode ver quão profunda foi a mudança. (BERGER, 2010, p. 143)

Levina faleceu no dia 22 de abril de 2002 e foi enterrada no cemitério que fica à direita do Santuário da Divina Misericórdia. Nunca possuiu bens materiais, vivendo ao lado de seus filhos e netos na Santa Montanha, tendo apenas o suficiente para sua subsistência. Para Berger,

Quaisquer que sejam nossas possibilidades de liberdade, elas não se poderão concretizar se continuarmos a pressupor que o “mundo aprovado” da sociedade seja o único que existe. A sociedade nos oferece cavernas quentes, razoavelmente confortáveis, onde podemos nos aconchegar a outros homens, batendo os tambores que encobrem os uivos das hienas na escuridão. “Êxtase” é o ato de sair da caverna, sozinho, e contemplar a noite. (BERGER, 2010, p. 85)

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009.

BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010.

BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004.

WEBER, Max. Economia e Sociedade. São Paulo: Editora UnB, 2004.